

Conversa com Maria Esther Maciel

(por Paola Poma)

O olhar da poeta Maria Esther Maciel (*Longe,aqui. Poesia incompleta* [1998-2019], *O livro das sutilezas* [2019], *O livro de Zenóbia* [2004], *Triz* [1998], e *outros poemas* [1990-2001]), esquadrinha, analisa, se demora e assim revela a singularidade do outro que nos é próximo e distante simultaneamente, daquele que de modo equivocado nomeamos como animal “irracional”, “selvagem”, “inconsciente” ou qualquer outro “qualificativo” colocando-o numa situação de inferioridade em relação ao homem. É no poema que ela resgata “a pequena lagarta/que caiu da samambaia/ ... e se movia de desespero”. Mas não só.

O trabalho como crítica, pesquisadora e professora (*Literatura e animalidade* [2016], *Pensar e escrever o animal – ensaios de zopoética e biopolítica* (organizadora) [2011] *O animal escrito – um olhar sobre a zooliteratura contemporânea* [2008] entre outros títulos) para além de iluminar o leitor que ainda possa apresentar alguma dúvida em relação à subjetividade intrínseca aos animais, também chama atenção dos horrores das granjas e fazendas industriais e do descaso, em especial no Brasil, com o meio ambiente e a biodiversidade. Há mais de 10 anos pesquisando o tema e sendo, em nosso país, uma de suas pioneiras, Maria Esther Maciel sabe unir a poesia selvagem ao pensamento crítico. Essa conversa mostra um pouco das suas reflexões.

Eu começo a nossa conversa partindo de um problema bem atual: covid 19. Há pouco tempo José Nun (advogado, escritor, ensaísta e ex-ministro da Cultura da Argentina (2004-2009)) deu uma entrevista ao Jornal Usp dizendo que um dos motivos do surgimento deste vírus - e do provável surgimento de outros - se vincula ao “*altíssimo desenvolvimento da criação industrial, em grande escala, de animais domésticos como frangos e porcos, destinados a satisfazer à demanda crescente de uma*

população mundial que, tempos atrás, se tornou majoritariamente urbana. O resultado é que eles ficam amontoados e se lhes aplicam pesticidas, antivirais e, mais ainda, antibióticos que aceleram a sua engorda (a maioria dos antibióticos que se produzem atualmente no mundo se dedica a esse fim). A consequência é que se debilita ao extremo o sistema imunológico desses animais, convertendo-os em criadouros de muitos dos vírus e bactérias que, depois, chegam a nós.” Diante deste fato coloco duas questões: essa técnica de engorda não é a explicitação de um abuso do poder humano revelador da sua violenta irracionalidade? E o que pensar dos governos, em especial o brasileiro, que não tem nenhuma preocupação com o meio ambiente e com a biodiversidade?

A disseminação da Covid19 tem, sim, uma intrínseca relação com as formas como a humanidade tem lidado com os animais. A realidade cruel das granjas e fazendas industriais, a devastação das florestas, o tráfico e comercialização de animais silvestres, o deslocamento de diferentes espécies para espaços incompatíveis com sua sobrevivência, tudo isso está na origem desse e outros vírus. Como também observou a primatóloga Jane Goodall em recentes declarações sobre o tema, o problema é tanto o desrespeito ao meio-ambiente – o que leva animais a conviverem forçadamente com outras espécies com as quais não interagem e a viverem em espaços que não são os seus – quanto a violência ostensiva contra os viventes não humanos. Estes são caçados, dizimados, aprisionados, traficados, comidos, submetidos a maus-tratos extremos. O mercado de animais silvestres de Wuhan, onde o novo coronavírus surgiu, evidencia isso de maneira incisiva. Muitas doenças, provocadas por vírus e bactérias, foram fermentadas em espaços como esse, em diferentes partes do mundo.

Se isso mostra uma falta de responsabilidade ética e um profundo descaso da espécie humana pelas demais, indica também práticas políticas destrutivas, como as que pautam – de forma abjeta – o governo brasileiro atual, com sua ignorância arrogante e sua truculência generalizada. Estamos correndo o risco de ver a Amazônia transformada em deserto; o Pantanal arde em chamas, inúmeras espécies animais e vegetais têm sido dizimadas pelo fogo. Os bichos estão apavorados e morrem de forma bárbara. Triste demais. Para não mencionar, também, o uso indiscriminado de agrotóxicos, o extermínio das pequenas comunidades rurais e dos povos indígenas. Tudo isso, com o aval de um poder político perverso e criminoso.

No seu artigo “Poéticas do animal” você afirma, a partir de Derrida, “que há duas grandes ‘situações de saber’ sobre os animais: a que reduz o animal a uma coisa, ‘uma coisa vista mas que não vê’, e a que se sustenta na troca de olhares com ele. A primeira assentada na cisão abissal entre humanidade e animalidade, justificada pela ideia de logos. A segunda tomada como uma recusa do conhecimento exclusivamente racional, adviria do desejo de apreender o outro pelos sentidos e pelo coração.” A primeira situação parece justificar a criação dos matadouros, dos zoológicos, enfim, de todos os mecanismos de opressão do animal e a sua coisificação, a segunda abriria a possibilidade para a confirmação da sua subjetividade. Há aqui uma separação entre razão (humanidade) e emoção (animalidade)? Sendo o homem também um animal, como fica a sua situação já que ele vê e se sabe visto?

Razão e emoção concernem, a meu ver, tanto a humanos quanto a não humanos. São faculdades que se moldam de formas diferentes, e em variados matizes, de acordo com a espécie e a singularidade de quem as exercita. A concepção antropocêntrica de racionalidade, predominante na história do pensamento ocidental, estabeleceu essa dicotomia a que você se refere. E as consequências dela advindas foram muitas: a hierarquização dos viventes, a coisificação dos seres considerados desprovidos de razão, o controle da vida/morte dos que não se inserem nos limites dos conceitos cristalizados de humano e humanidade. Isso propiciou, sem dúvida, o surgimento dos espaços de confinamento animal com vistas ao consumo, à exploração no trabalho, a experiências em laboratórios e atividades de entretenimento, entre outras.

Quando Derrida menciona as duas “situações de saber” sobre os animais a partir do jogo ver/ser visto, ele põe em questão essa postura antropocêntrica que, em nome da razão, sempre legitimou essas práticas e recusou aos não humanos a condição de sujeitos capazes de ter um olhar, um ponto de vista. Ao adotar a segunda situação de saber – a que advém da troca de olhares com um animal – ele coloca em xeque as falsas oposições que separam a espécie humana das demais espécies e desconstrói os chamados “próprios do homem”, deixando clara sua afinidade com uma outra linhagem filosófica que inclui, entre outros pensadores, Michel de Montaigne.

O ser humano, ao ver um animal e ser visto por ele, pode também reconhecer a sua própria animalidade. E ao se ver como animal, pode ver o outro não humano como um sujeito. Algo com que outros pensadores contemporâneos

têm lidado por vias múltiplas. No Brasil, temos Eduardo Viveiros de Castro, que reinventa essas reflexões à luz do perspectivismo ameríndio.

Me parece que Derrida (*O animal que logo sou*) e Montaigne (“Apologia de Raymond Sebond”) são norteadores do teu pensamento. Você cita, algumas vezes, o espanto de Derrida ao se perceber sendo olhado pelo seu gato. Espanto diante da presença do outro (insuspeitado), melhor, da subjetividade do gato que examina o seu dono, revelando que, por detrás daqueles olhos, há qualquer coisa de inapreensível do ponto de vista racional, mas que revela curiosidade, afeto, interesse, enfim algum tipo de comunicação diminuindo a distância entre eles. A partir disso, queria que comentasse o poema “Gato num apartamento vazio”¹ da polonesa Wislawa Szymborska (*Poemas. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien*. São Paulo: Companhia das Letras).

**Morrer — isso não se faz a um gato.
Pois o que há de fazer um gato
num apartamento vazio.
Tregar pelas paredes.
Esfregar-se nos móveis.
Nada aqui parece mudado
e no entanto algo mudou.
Nada parece mexido
e no entanto está diferente.
E à noite a lâmpada já não se acende.**

**Ouvem-se passos na escada
mas não são aqueles.
A mão que põe o peixe no pratinho
também já não é a mesma.**

¹ Morrer – isso não se faz ao gato./Pois que há de um gato fazer/num apartamento vazio./Ir arranhando as paredes./Roçar-se por entre os móveis./Por aqui nada mudou/mas está mais que mudado./As coisas estão nos sítios,/mas os sítios outro são./E nem se acende a luz pela noitinha./Ouvem-se passos na escada,/todavia, não os tais./A mão que põe no pratinho o peixe/também não é a que antes punha./Algo aqui não acontece/às horas que acontecia./Algo há aqui que não corre/como deveria correr./Alguém aqui esteve, esteve,/e agora teima em não estar./Vasculhados todos os armários./Percorridas todas as prateleiras./Uma vez verificado o chão sob a alcatifa./Contra todas as proibições até,/espalhado os papéis./Que é que fica ainda por fazer./Dormir e esperar./Deixa-o só voltar,/deixa-o lá mostrar-se./Há de apreender/que com um gato não se brinca assim./Há de um bicho ir-se chegando para perto,/como quem não quer a coisa,/bem devagar,/muito sobre as patinhas ofendidas./E ao princípio nada de saltar nem de miar. (*Paisagem com grão de areia*. Tradução Júlio Sousa Gomes. Lisboa: Relógio D’água, 1996.)

**Algo aqui não começa
na hora costumeira.
Algo não acontece
como deve.
Alguém esteve aqui e esteve,
e de repente desapareceu
e teima em não aparecer.**

**Cada armário foi vasculhado.
As prateleiras percorridas.
Explorações sob o tapete nada mostraram.
Até uma regra foi quebrada
e os papéis remexidos.
Que mais se pode fazer.
Dormir e esperar.**

**Espera só ele voltar,
espera ele aparecer.
Vai aprender
que isso não se faz a um gato.
Para junto dele
como quem não quer nada
devagarinho
sobre as patas muito ofendidas.
E nada de pular miar no princípio.**

Sim, esses dois filósofos foram minhas principais referências quando iniciei minhas incursões no campo dos estudos animais e ainda têm atravessado algumas de minhas reflexões, em interseção com outros pensadores contemporâneos, como Élisabeth de Fontenay, Donna Haraway, Dominique Lestel, Eduardo Viveiros de Castro, Matthew Calarco, Marjorie Garber e Cary Wolf, entre outros. Pode-se dizer que Montaigne foi um pós-humanista por antecipação. Seu ensaio “Apologia de Raimond Sebond” adiantou, em pleno século 16, muito das discussões contemporâneas sobre o antropocentrismo, as faculdades/habilidades de diferentes espécies animais e as controversas relações entre humanos e não humanos. Nesse sentido, as ideias nele disseminadas prefiguraram várias linhas de força dos atuais estudos de etologia e biopolítica. Derrida reconheceu a importância desse ensaio em

L'animal que donc je suis e certamente recebeu seus influxos para a preparação desse livro/palestra.

Um dado curioso é que ele e Montaigne partem de suas experiências pessoais com felinos de estimação para suas ousadas considerações sobre nossos vínculos com os animais. Montaigne ironiza a prepotência dos homens em explicar e (des)qualificar, como bem entendem, os animais, indagando como aqueles se arrogam a conhecer, “por obra da inteligência, os movimentos internos e secretos” desses. E afirma: “Quando brinco com a minha gata quem sabe se ela não se distrai comigo mais do que eu com ela?” Já Derrida conta sobre sua experiência de ser observado, nu e em silêncio, pelo seu gato, e reconhece: “ele tem um ponto de vista sobre mim”. Começa, assim, a especular sobre o que o gato vê e o que se passa por trás desse olhar. Ou seja, os dois felinos são tomados como seres que têm uma subjetividade inextricável, que não podemos compreender racionalmente. É aí que entra a imaginação poético-ficcional. Cabe a nós, humanos, tentar imaginar o que se passa na esfera íntima de um animal, já que nossa razão é insuficiente para isso. Poetas e escritores dão-se essa tarefa imaginativa para entrar na subjetividade não humana.

No caso do poema “Gato num apartamento vazio”, de Szymborska, isso se dá a ver por vias oblíquas. Embora a voz enunciativa não seja do felino, ela traz à tona um *sujeito* gato com sua vivência de perda, buscando sondar os sentimentos e experiências íntimas desse animal diante de sua própria realidade num apartamento vazio, após a morte do dono. A poeta, por um processo de empatia com o gato, se coloca no lugar dele para falar sobre essa situação. A sensação de estranhamento dentro de um espaço que já não é mais o de antes, o não saber sobre um novo momento que se inicia com a ausência de quem morreu, “as patas ofendidas” desse gato que dorme e espera o dono que não vem mais, tudo isso revela um traspassamento da fronteira que separa o humano do não humano. Um belíssimo poema, que confere ao animal uma relevância enquanto um indivíduo em confronto com a experiência do desamparo.

Será que se trata de imaginar o que sente um gato na ausência (morte) do dono ou a poeta quis afirmar, através da convivência afetiva entre eles, que “os próprios do homem” são muito semelhantes aos “próprios dos gatos”? Se, como afirma Dominique Lestel “todo animal é um sujeito (na medida em que cada animal é um intérprete de sentidos)”, então o

sentimento de abandono experienciado pelo gato justifica o fato dele não receber seu dono nem com miados e nem com pulos. Como as crianças que fazem birra quando seus pais retornam à casa depois de um longo dia de trabalho.

Assumir o ponto de vista de um animal na poesia é sempre um exercício de imaginação. Inevitável que a poeta – ao sondar pelos sentidos, pela empatia e pelos afetos o que um gato (ou qualquer outro bicho) sente, pensa ou espera – “traduza” poeticamente essa sondagem por meio de recursos humanos e imprima nesse sujeito algo de si mesma. Daí que a subjetividade resultante desse processo seja sempre híbrida. Lestel a qualificou de “heterônoma”, por advir de uma mistura, de um contágio propiciado pela convivência estreita entre dois seres de espécies diferentes e pelo esforço criativo de um deles para expressar essa relação. Gatos e humanos têm diferentes olhares sobre o mundo, mas nós não sabemos de fato o que se passa na esfera íntima do animal e tentamos intuir/imaginar isso à nossa maneira e expressar em palavras o resultado desse esforço. Se o gato do poema, indignado com o sumiço (morte) de seu dono, decide não o receber mais com pulos e miados (caso ele volte), isso acontece porque a poeta assim conjectura de acordo com o que acredita se passar na cabeça do felino abandonado. Há, aí, uma mistura de “próprios” humanos e não humanos, o que justifica o caráter heterônimo do sujeito poético.

Ainda em diálogo com a tua leitura de Derrida, a explicação para o neologismo da palavra *animot* – “como forma de fazer ouvir, no singular da palavra animal, o plural ‘animais’ e mostrar como a linguagem afeta o nosso acesso à complexidade do mundo não humano”, me levou a pensar na etimologia da palavra animal e duas acepções me pareceram bastante instigantes: “*être organisé, doué de certaines facultés*” do final do século XII e “*animal, animalis « être vivant », formé sur anima « souffle de la vie, principe vital*” (a.c). Não poderíamos pensar na palavra *animot* como um jogo entre o radical *anim* + *ot*, cuja sílaba final da nova palavra construída alude à palavra *mot* que, curiosamente, significa palavra em francês, ou até mesmo o uso intencional da palavra *mot*, simbolizando a palavra carregada de vida, ou seja, o neologismo afirmando não só a possibilidade de dizer a pluralidade (*animaux*) mas, em especial, a força da escrita poética de dizer o indizível?

Esse viés de interpretação que você aponta, à luz da etimologia, é muito instigante e indica um profícuo caminho a ser percorrido dentro das

possibilidades de sentido que essa palavra *animot* deflagra. Trata-se de um neologismo capaz de provocar várias reflexões, e gosto muito da maneira como Derrida, em *L'animal que donc je suis*, o introduz em sua exposição. Ele começa por apresentar suas ideias sobre o tópico, articulando estrategicamente os termos “animal”, “animais” e “palavra”, de forma a prefigurar o neologismo que surgirá mais adiante:

“Voilà mes hypothèses en vue de thèses sur l’animal, sur les animaux, sur le mot d’animal ou d’animaux.

Oui, l’animal, quel mot!”

A exclamação já sugere que a palavra “animal” não passa de uma construção humana para “enjaular”, num substantivo singular (e homogêneo), a multiplicidade dos viventes existentes, entre os quais o homem não se inclui. E basta consultarmos os dicionários para encontrarmos os significados legitimados da palavra: 1. [Biologia] Ser vivo multicelular, com capacidade de locomoção e de resposta a estímulos, que se nutre de outros seres vivos”. 2. Ser vivo irracional, por oposição ao homem. 3. [Depreciativo] Pessoa bruta, estúpida ou grosseira.

Ou seja, são significados que marcam não apenas a cisão entre homem e animal, como também excluem o humano da esfera da animalidade e desqualificam o não humano.

O que Derrida faz, ao compor a palavra “*animot*”, é deslocar o termo animal dos limites da biologia e da lexicologia para o campo polissêmico da poesia. Assim, cria um neologismo que se dá a ver, através de sua composição híbrida, como uma “irreduzível multiplicidade vivente de mortais” (*animaux*). Considerando-o menos uma palavra-valise que um híbrido, Derrida chega a associá-lo à “quimera”, que pode ser tomada tanto como uma combinação heterogênea de elementos diversos (o que remete à figura mitológica), quanto um produto da imaginação. Nesse sentido, o *animot* entra no terreno da invenção poética. Há, ainda a presença de *anima* (princípio vital) dentro do vocábulo, o que evoca – como você bem apontou – “a força da escrita poética de dizer o indizível”.

Enfim, talvez pudéssemos dizer que o animal foi convertido, pelo pensamento humano, em um *mote*.

Vale acrescentar que, nas considerações derridianas sobre o conceito humano de animal, também está presente uma dimensão biopolítica, que será retomada, de modo prismático, nos seminários de *La Bête et le Souverain*. A partir dos sentidos pejorativos do conceito (ser bestial, bruto, estúpido etc.),

Derrida empreende, inclusive, uma discussão sobre as noções de besta, bestialidade e besteira – toda, segundo ele, concernentes aos humanos.

No seu livro *O animal escrito* você escolhe como epígrafe o poema “História Natural” de Carlos Drummond de Andrade - Cobras-cegas são notívagas./O orangotango é profundamente solitário./Macacos também preferem o isolamento./Certas árvores só frutificam de 25 em 25 anos./Andorinhas copulam no voo./O mundo não é o que pensamos. - que reaparece na mesma função no livro *Literatura e animalidade*. Imagino que esta repetição não seja aleatória. Por que a escolha deste poema?

Esse poema tem me acompanhado desde o início de minhas pesquisas. Talvez ele tenha me despertado para a complexidade e a riqueza do mundo natural de um jeito diferente do que os livros científicos mostram e do que o nosso pensamento cristalizou. Os não humanos, aí, são seres com suas surpreendentes peculiaridades biológicas, psíquicas e culturais, sem que sejam propriamente antropomorfizados. Quando li, por exemplo, o livro *A grande orquestra da natureza*, de Bernie Krause, esse poema continuou ecoando nas páginas em que o músico e naturalista registra e descreve as paisagens sonoras selvagens do mundo vivo. Aliás, este é um dos livros mais impactantes no campo das potencialidades/habilidades naturais e sonoras dos seres não humanos, bem como da incrível música ancestral da natureza. Outro livro que me trouxe de novo o poema drummondiano (e outros dele) foi o conciso *The cows*, de Lydia Davis, em que ela descreve, em pequenos blocos textuais, o cotidiano das vacas, sob vários aspectos. Registra os movimentos, os hábitos, as escolhas, as inquietações, as emoções, os impasses, os caprichos e trejeitos, as experiências da maternidade, as brincadeiras que elas fazem individualmente, em pares ou em grupo. A escritora mostra que as vacas compõem uma pequena comunidade, com seus afetos, trocas de experiências e outras atividades que não imaginamos do lado de cá da fronteira. De fato, como disse Drummond, o mundo não é o que pensamos. Ainda bem que a poesia existe para revelar isso.

Os bichos considerados “híbridos, fronteiriços e transnacionais” se encaixam na categoria animal escrito, ou seja, a pluralidade ou a metamorfose só pode se dar na literatura - como ilumina Arreola “La cebra toma en serio su vistosa apariencia, e al saberse rayada se entigrece”- ao passo que a singularidade do ornitorrinco se constrói a partir de uma diferença real “já que parece ter três naturezas: a do peixe, a do pássaro e a do quadrúpede.” Não seria ele uma representação

simbólica (talvez ideológica) ideal dos tempos atuais em que as diferenças (pluralidades) deveriam ser lidas (aceitas?) como unidade? Parodiando o Guimarães, olhar “os animais é aprendizado para a humanidade”?

Autores latino-americanos como José Arreola, José Emilio Pacheco, Augusto Monterroso e Wilson Bueno dedicaram-se, seguindo a trilha borgiana dos seres imaginários, a compor coleções de animais (fantásticos e reais), sob uma perspectiva mais crítica em relação às controversas relações entre humanos e outros viventes, bem como com preocupações de ordem ética, política, cultural e ecológica. Numa remissão às enciclopédias antigas sobre o mundo natural, aos bestiários medievais, às mitologias indígenas e transculturais, alguns desses autores criaram seres fabulosos que, como você disse, só podem se dar a ver como animais escritos. No entanto, se atentarmos para certos animais existentes que compartilham conosco a experiência da vida real – como o ornitorrinco, a equidna, o rato-toupeira-pelado, o cavalo-marinho, o dugongo, entre vários outros de feição heteróclita que habitam diferentes paisagens do nosso planeta – veremos que eles não ficam atrás dos animais fantásticos inventados pela imaginação humana. Cada um deles pode, sem dúvida, servir de representação simbólica para o se inscreve hoje no mundo, em especial para as identidades plurais e heterogêneas que se afirmam, ao mesmo tempo, como alteridades singulares. Não à toa o inclassificável ornitorrinco tem provocado diversas reflexões sobre os tempos atuais. Temos, de fato, muito o que aprender com os animais sobre a nossa própria espécie, a qual também está atravessada de pluralidade e diferentes singularidades.

No teu ensaio “Literatura e subjetividade animal”, que será publicado na *Dobra 7*, você comenta o poema do Drummond “Um boi vê os homens”, e, pensando nos seus versos “Coitados, dir-se-ia não escutam/nem o canto do ar nem os segredos do feno,”, lembrei do *Guardador de Rebanhos* de Alberto Caeiro em que fica evidente o esforço do poeta para se afastar de todo o peso do racionalismo ocidental nos versos “Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,/E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,/Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,/Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,/Mas um animal humano que a Natureza produziu.”. Como você interpreta este deslocamento de perspectiva em poetas tão cerebrais como Pessoa e Drummond?

Esse é outro poema de Drummond que tem me iluminado bastante. A cada leitura, descubro um elemento novo, capaz de desencadear novas possibilidades de interpretação. A conexão com o “Guardador de rebanhos”, de Caeiro, é bem interessante. O poema de Drummond adota a perspectiva animal; o de Caeiro, a dele mesmo – um humano inventado pela imaginação de Pessoa, dotado de uma percepção avessa ao racionalismo que os bovinos drummondianos criticam. Ambos os poetas, mesmo ao se valerem de recursos racionais em suas obras, não deixam de performar outras formas de apreensão das coisas e questionar a supremacia de um certo modelo de razão humana em relação a outras formas de entendimento. No que tange a Caeiro, ele chegar a dizer, à feição do boi: “Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,/Que traçam linhas de cousa a cousa, (...)” Os dois são poetas que buscam aprender com os bichos e as plantas (com “tudo que vive sem fala”, para citar Caeiro mais uma vez) outras maneiras de lidar com o mundo e a realidade, outras formas consciência que não apenas a legitimada. Uma leitura comparativa de suas obras, sob tal perspectiva, ainda está por ser feita.

Gostaria que comentasse estas duas experiências que me parecem bastante interessantes para se pensar a questão da subjetividade animal:

A história da “Burrita Beldomera”
<https://www.publishnews.es/materias/2020/09/17/la-historia-viral-de-la-burrita-baldomera-llega-a-las-librerias-como-album-ilustrado-infantil> e a experiência de Rui Unas com as baleias <https://sic.pt/Programas/episodiospecial/videos/2019-08-05-Rui-Unas-foi-ate-ao-Mexico-e-interagiu-com-baleias-Foi-uma-experiencia-inesquecivel>

As redes sociais têm divulgado vídeos extraordinários sobre comportamento animal e as relações interespecies, os quais confirmam visualmente as faculdades, habilidades, sentimentos e saberes de inúmeros seres não humanos. A história da “burrita” e a das baleias vêm se juntar a outras não menos impressionantes, na mesma linha. Lembro-me de dois outros vídeos: o que traz um símio que é levado de volta à floresta, após tempos de cativeiro, e abraça com emoção a pessoa que o libertou, num gesto de agradecimento, e o do cachorro que, ao ver um outro ser atropelado numa avenida, corre para salvá-lo, puxando-o pelo asfalto até a calçada. São exemplos de gratidão, amor, amizade, compaixão, solidariedade. Algo que a literatura vem mostrando há muito tempo. Basta mencionarmos a cachorra Baleia, de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, que pensa, age e sonha em plena seca do sertão, numa relação de afeto e solidariedade com a família de retirantes a que está vinculada. Ou um burro que conversa com o outro sobre

as durezas do trabalho escravo, como se vê num conto de Machado de Assis. Para não mencionar o papagaio que mostra a uma pobre senhora onde foi enterrada a herança de um tio morto, como aparece num conto de Virginia Woolf. Se a ciência ignorou o óbvio ao longo dos séculos, os escritores e artistas nunca duvidaram das potencialidades animais. Felizmente, muitos cientistas, hoje, já reconhecem e legitimam a consciência animal, como atestaram, há poucos anos, 13 neurocientistas de Cambridge, incluindo Stephen Hawkins, ao admitirem que os humanos não são os únicos seres do planeta a ter consciência, sentimentos, atos intencionais e inteligência. Ou seja, finalmente a ciência reconhece o que muitos escritores e amantes dos animais sempre souberam: os animais também têm neurônios e coração.

Numa entrevista a *Párrafo Magazine* você fala da importância da tua cachorra Lalinha neste trabalho de reflexão sobre os animais. Para finalizar a nossa conversa, poderia falar um pouco sobre isso.

A presença de Lalinha – mistura de cocker spaniel com vira-lata – em minha vida ao longo de 15 anos foi fundamental para esta pesquisa. Aprendi muito com nossa convivência e consegui entender, por vias mais diretas, um tipo bastante peculiar de saber não humano, mesmo que contaminado pela interação com nossa espécie. Os modos alternativos de comunicação que mantivemos, incluindo algumas variações da linguagem oral, deram-me a certeza de que eu estava diante de uma alteridade dotada de uma subjetividade complexa, uma inteligência aguçada e uma capacidade afetiva extraordinária. Logo após sua morte, decidi me concentrar nos cães, inaugurando uma nova etapa em minha investigação. Comecei, então, a procurar os cães que atravessaram e atravessam a literatura, desde a antiguidade clássica. Digo que encontrei um verdadeiro canil literário, que tem me ocupado nos últimos anos, além de filmes e outros trabalhos visuais voltados para o universo canino. Graças à Lalinha, incorporei em minhas incursões teóricas alguns nomes medulares do pensamento sobre os animais, como Marjorie Garber, Donna Haraway, Roger Grenier e Susan Mc Hugh, que têm contribuído também para reflexões sobre outras questões concernentes ao universo zoo. Enfim, essa esfera da “cinoliteratura” tem aberto outras frentes de abordagem, a serem desdobradas posteriormente.